

A Inteligência Norte-americana e a Crise dos Mísseis de 1962

Raquel Anne Lima de Assis¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o papel que a inteligência norte-americana, exercida pela *Central Intelligence Agency* (CIA), teve na Crise dos Mísseis de 1962, em Cuba. Observaremos como foi o processo de descoberta dos mísseis pela agência, quais seus acertos e falhas, e as consequências destas, e que leitura a CIA teve do cenário que se formou entre os EUA, URSS e Cuba. Assim, nossa problemática está voltada para entendermos como foi sua ação e qual sua importância para a política norte-americana. Metodologicamente este trabalho está pautado em uma revisão historiográfica sobre os acontecimentos em envolveram a CIA e a Crise, que serão analisados através de teorias voltadas para agendas de segurança e defesa.

Palavras-chave: Crise dos Mísseis; CIA; Cuba; Inteligência.

US Intelligence and the 1962 Missile Crisis

Abstract: This paper aims to analyze the role played by the US intelligence in the 1962 Cuban Missile Crisis through the actions of Central Intelligence Agency (CIA). We will observe the agency's discovery process of the missiles, its hits and misses and their consequences, as well as what the CIA interpreted on the scenario regarding the USA, USSR and Cuba. Thus, our focus relies on understanding how the CIA's action was and also how important it was to the US policy. This paper is methodologically based on a historiographical review of the events surrounding the CIA and the Crisis. These events will be analyzed through theories focused on security and defense agendas.

Keywords: Missile Crisis; CIA; Cuba; Intelligence.

Artigo recebido em 15/10/2019 e aprovado em 27/11/2019.

Introdução

Durante o contexto da Guerra Fria, o ano 1962 foi um dos marcos de maior tensão mundial. Cuba tornou-se centro da geopolítica quando em outubro desse ano os Estados Unidos descobriram que a União Soviética tinha instalado mísseis nucleares na vizinha ilha caribenha, que tinha acabado de passar por uma Revolução (1959) e instalado um governo que viria a se tornar pró-soviético. A descoberta, tardia, foi feita pelo serviço de inteligência norte-americano empreendido pela *Central Intelligence Agency* (CIA). O avião espião U-2 sobrevoou o território cubano e conseguiu captar 928 fotografias dos armamentos^{II}. As fotos foram interpretadas pelo *National Photographic Interpretation Center* (NPIC) que identificou mísseis balísticos SS-4 de médio alcance. Relatórios da CIA foram enviados ao presidente John F. Kennedy, iniciando um processo de crise diplomática entre as duas potências.

Diante deste cenário, a proposta deste artigo é analisar o papel da CIA na Crise dos Mísseis de 1962. Para isto, tentaremos responder alguns questionamentos: como a inteligência dos EUA agiu durante esse evento? Que leitura ela teve do cenário? Qual a sua importância para a política norte-americana? Quais foram seus acertos e falhas e como contribuíram para o desenrolar dos acontecimentos? Tentaremos abordar essas problemáticas através de uma revisão historiográfica sobre o assunto, inserido os fatos na perspectiva das agendas de segurança e defesa.

A descoberta

No dia 22 de outubro de 1962 o Presidente John F. Kennedy discursou para milhões de norte-americanos sobre as descobertas dos mísseis nucleares soviéticos em território cubano. Alertando sobre o perigo para a segurança do país, prometeu que medidas seriam tomadas para a resolução do problema. Contudo, a situação não estava em completo controle. A própria descoberta dos mísseis foi tardia diante de uma série de falhas do serviço de inteligência. Através de um reconhecimento aéreo realizado pela CIA, no dia 14 de setembro, os primeiros mísseis balísticos de médio alcance foram encontrados na aérea de São Cristóvão. Contudo, segundo Glenmore S. Trenear-Harvey, a agência ainda continuava a negar a presença de armas estratégicas na região^{III}.

Kennedy autorizou uma série de missões para voos de reconhecimento com acesso irrestrito, o que possibilitou um mosaico completo da ilha. Mas, foi somente em 14 de outubro, um “*photo gap*” de 45 dias, que obtiveram a certeza dos mísseis soviéticos na ilha caribenha. Ainda conforme Trenear-Harvey, este foi um espaço de tempo suficiente para os soviéticos transportarem um grande número de mísseis e armas que não foram descobertas durante a crise ou identificadas de forma errada^{IV}. Desta forma, observamos como o autor entende que este episódio pode ser classificado como uma falha da CIA diante de sua negação inicial em admitir a possibilidade dos soviéticos de enviarem mísseis para Cuba. Este atraso impossibilitou uma ação imediata do governo norte-americano para impedir que o transporte fosse feito.

Um agravante para tal falha é o fato de que o interesse da CIA por Cuba não era novo. A agência já empreendia operações para coletar informações sobre o governo cubano a fim de derrubá-lo. Foram pensados planos de guerra econômica,

A INTELIGÊNCIA NORTE-AMERICANA E A CRISE DOS MÍSSEIS DE 1962

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

sabotagem, propaganda política e até assassinato para derrubar Fidel Castro do poder. Entretanto, para Tim Weiner, a CIA se deslocou de sua função. Haveria mais interesse em remover Castro do que efetivamente coletar informações e produzir inteligência. Segundo o autor, “a CIA estava tão ocupada com suas ações secretas que falhou em ver que uma ameaça à sobrevivência nacional dos Estados Unidos se formava em Cuba^V”.

Ou seja, não possuía uma projeção adequada do cenário. O próprio presidente estava mais interessado em derrubar Castro através de guerrilha. Mas, isso não eliminou as suspeitas do próprio diretor da CIA, John McCone, de que haviam armas nucleares soviéticas em Cuba. McCone pensou em tal possibilidade devido à ida de Raul Castro à Moscou para comprar armas. Entretanto, Weiner afirma que era uma voz isolada, pois funcionários do governo, de outras agências e da própria CIA não acreditaram que essa ação fosse possível^{VI}.

Este ceticismo foi gerado pela própria deficiência da CIA em prever o comportamento soviético devido aos seus erros sistemáticos. Suas estimativas sobre a capacidade militar do inimigo eram erradas. Chegou a estimular que em dez anos a URSS ultrapassaria os EUA em crescimento militar^{VII}. Assim, quando McCone informou ao presidente que 38 navios soviéticos atracaram em Cuba e que poderiam conter mísseis, a possibilidade não foi levada a sério. Quando os mísseis chegaram, a CIA não obteve fotos nos primeiros dias devido à restrição de Kennedy para os voos do U-2 no território cubano para não gerar caos com a aproximação das eleições^{VIII}. O que levou ao ponto cego de 45 dias já mencionado.

Apesar das ideias contrárias do seu diretor, a própria CIA não acreditou que os soviéticos estivessem instalando áreas nucleares em Cuba. Houve um erro de avaliação da CIA em relação aos soviéticos, pois, segundo a percepção do órgão, era uma ação contrária a política que Moscou vinha tomando até então. Além disso, Weiner menciona erros também no número de soldados soviéticos em território cubano estimado pela CIA de 10 mil quando na realidade foram enviados 43 mil. O mesmo em relação as forças cubanas que eram 275 mil e não 100 mil como foi previsto pela instituição^{IX}.

Enquanto o presidente não autorizava o reconhecimento aéreo, no “*photo gap*” de 45 dias, 99 ogivas nucleares chegaram em Cuba. Portanto, enquanto a Inteligência e o governo norte-americano debatiam se deveriam ou não realizar voo do U-2, os soviéticos aumentaram os danos aos EUA. Cada uma delas sendo 70 vezes mais poderosas que as bombas jogadas em Hiroshima, essas ogivas não foram localizadas pela espionagem norte-americana^X. Portanto, era preciso mais voos de reconhecimento para garantir a segurança dos EUA.

Ao amanhecer de 14 de outubro, um U-2 pilotado pelo major da força aérea Richard D. Heyser, do Comando Aéreo Estratégico, sobrevoou o oeste de Cuba, tirando 928 fotografias em seis minutos. Vinte e quatro horas depois, os analistas da CIA contemplavam imagens das maiores armas comunistas que já tinham visto. Durante todo dia 15 de outubro, eles compararam as fotos tiradas pelo U-2 com outras de mísseis soviéticos num desfile nas ruas de Moscou, que acontecia a cada Dia do Trabalho^{XI}.

Isso demonstra como a descoberta dos mísseis soviéticos em Cuba foi um processo de diversas falhas da CIA. Um atraso que possibilitou a ação livre da URSS

em enviar não somente mísseis, mas também armamentos, soldados e ogivas nucleares ao território cubano. Assim, verificamos como uma deficiência da inteligência é capaz de afetar a defesa e segurança de um país, pois as ogivas eram capazes de alcançar até mesmo Washington. Medidas que foram tomadas para impedir o ataque poderiam ser tomadas para impedir o perigo caso a inteligência tivesse cumprindo seu papel. Mas nem tudo estava perdido. Mesmo com o atraso, o tempo ainda foi hábil para negociações com os soviéticos, pois a instalação não tinha sido completa.

Chegou a ser cogitada a possibilidade de invasão, entretanto, as chances de uma resposta soviética eram grandes. Como Luiz Alberto Bandeira demonstra, a URSS não estaria disposta a entrar em uma guerra atômica por causa de Cuba, mas devido à cooperação entre ambos os países era provável retaliação em outras regiões como Berlim ou Irã^{XII}. Desta maneira, percebemos como Cuba oferecia aos soviéticos um forte poder de barganha e pressão contra os EUA na busca pelo equilíbrio de poder. Em outras palavras, o Estado cubano tornou-se uma forte ferramenta estratégica na disputa Leste-Oeste.

As interpretações

Isso demonstra como não basta apenas coletar informações, era preciso também avaliar as intenções soviéticas. Não conseguiram entender de imediato o motivo para a instalação dos mísseis, por isso foi cogitado um cenário de ataque. Segundo Raymond L. Garthoff, através de uma análise dos documentos soviéticos, é possível elencar três necessidades de Moscou: reforçar o equilíbrio estratégico com os EUA; deter um ataque norte-americano a Cuba; e ganhar paridade política possível de gerar impacto na política mundial^{XIII}. Para o autor, a CIA levou essas perspectivas em consideração, dando um maior destaque ao primeiro motivo de aumento do poder político e estratégico dos soviéticos.

Portanto, na visão da inteligência norte-americana a URSS estaria agindo de forma ofensiva para aumentar sua força no cenário internacional e pressionar os EUA em negociações, como na Crise de Berlim^{XIV}. Seria o aumento de sua capacidade estratégica global para alcançar seus interesses por meio da ameaça, colocando a segurança do território estadunidense em perigo. Mesmo que uma guerra atômica fosse uma última alternativa, para a CIA, Moscou tinha como propósito levar Washington a ceder nas negociações através da possibilidade de ataque sobre seu país.

Essa segurança entendida pela CIA poderia ser encaixada dentro da perspectiva realista. Na linha do realismo ela é, em poucas palavras, vista como proteção contra ameaças de invasões por meio da capacidade técnica e militar^{XV}. Assim, “a soberania nacional e o equilíbrio de poderes, que são distribuídos entre os diversos Estados, estão indiscutivelmente associados ao que se entende por segurança”^{XVI}.

Seguindo o paradigma de Tomas Hobbes que defende o estado de natureza do homem da “guerra de todos contra todos” e a necessidade de criação de um Estado para controlar esse contexto de anarquia^{XVII}, o realismo aplica tal concepção para as Relações Internacionais e a segurança nacional. Tal perspectiva defende que na arena internacional os Estados lutam entre si, fazendo da diplomacia e da guerra os principais meios para alcançar as causas nacionais.

Sendo assim, a teoria do realismo entende segurança e defesa como a salvaguarda contra ameaças externas através das disputas de poderes. Ou seja, segundo Helga Haftendorn, para o realismo as relações entre os Estados são reguladas através de interesses e uma balança de poder em que se sobressaem aqueles com poder suficientemente coerente e forte. Ainda conforme a autora, somente ao final da Segunda Guerra Mundial que esses teóricos “reconheceram que um sistema de segurança duraria apenas se dependesse tanto da renúncia à força quanto do respeito aos direitos humanos”^{XXVIII} (Tradução Nossa).

Segundo Stephen M. Walt, os estudos de segurança são definidos como os estudos da ameaça, uso e controle da força militar para garantir a independência, soberania e fronteiras dos Estados. Trata-se de explorar as condições que “fazem o uso da força mais provável, as maneiras que a força afeta os indivíduos, Estados e sociedades, e as políticas específicas que os Estados adotam para preparar, prevenir e empreender uma guerra”^{XXIX}. Contudo, ainda conforme o autor, apesar das ameaças militares serem os perigos mais sérios enfrentados pelos Estados em sua segurança nacional, não são os únicos^{XX}. Como exemplo, podemos citar o controle de armas, diplomacia, gestão de crises, agendas econômicas e ecológicas, entre outros.

Neste cenário de anarquia internacional, conforme a perspectiva realista, não há um governo mundial que possa controlar os anseios de cada Estado, logo, esses utilizam da força para alcançar seus interesses e analisam se o resultado de tal política é mais benéfico que a paz. Como cada Estado é soberano em relação às suas ações, ele próprio que decidirá se empregará sua força. Segundo Kenneth Waltz, a consequência é que ao mesmo tempo que todos os países podem utilizar da força, todos os outros devem estar preparados para responder da mesma forma ou pagar pela sua fraqueza^{XXI}.

A razão está submetida aos interesses próprios em que cada um busca sua racionalidade: “um *Estado* guerreia com outro *Estado*. O objetivo da guerra é destruir ou alterar o Estado inimigo”^{XXII}. Essa estrutura geral se forma no que o autor chama de “teoria dos jogos”, em que “a estratégia de todos depende da estratégia de todos os outros”^{XXIII}. Assim, entendemos que a CIA encarava a ação dos soviéticos em Cuba como um jogo de soma e zero em que o ganho de um seria a perda do outro, neste caso dos norte-americanos. O Estado ao detectar as ameaças aos seus interesses nacionais cria um conjunto de medidas e ações para preservar ou criar uma ordem adequada para atender seus interesses e valores através do uso da força se necessário^{XXIV}.

Encaramos que a leitura que a CIA fazia do cenário que se formava entrava nesta perspectiva. Ou seja, a inteligência norte-americana identificava que Estados Unidos e União Soviética estavam em uma luta pela busca de poder para que assim pudessem alcançar seus interesses nacionais no cenário internacional. Esse poder seria alcançado a medida que cada Estado pudesse exercer pressão sobre o outro ao ameaçar sua segurança, isto é, sua soberania. Assim, entendemos que, para a CIA, ao instalar mísseis em Cuba, a URSS estaria tentando criar uma insegurança aos norte-americanos para que esses cedessem aos propósitos soviéticos em outros cenários.

Portanto, percebemos como esses Estados passam por um processo de identificar e definir seus interesses, objetivos e ameaças. A partir destas percepções são estabelecidas as responsabilidades militares para alcançar os objetivos militares.

A INTELIGÊNCIA NORTE-AMERICANA E A CRISE DOS MÍSSEIS DE 1962

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Em outras palavras, trata-se da racionalização dos meios a serem empregados e o efetivo controle dos meios militares pelo comando civil. Essas definições estabelecem as capacidades militares específicas para a execução das missões^{XXV}.

Stephen M. Walt afirma que através da psicologia, na teoria da organização e em estudo históricos há análises que questionam os pressupostos da informação perfeita e do cálculo racional que estão no cerne do paradigma da dissuasão racional^{XXVI}. Trata-se de entender que as autoridades civis possuem conhecimento e controle limitados sobre as operações. Sendo assim, a balança de poder da estratégica pode ter, em certas ocasiões, pouco efeito direto sobre as políticas internacionais em geral ou comportamentos de crises em particular^{XXVII}. Percebemos, assim, uma reformulação da teoria realista, o que demonstra que não devemos tentar impor um simples modelo metodológico no campo.

Essa limitação pode ser observada na análise de Raymond L. Garthoff ao defender que a CIA não percebeu outro propósito soviético, sua motivação defensiva para diminuir o desequilíbrio de poder. O autor não nega o lado ofensivo de Moscou, mas a CIA não teria notado a vantagem estratégica dos EUA em relação a URSS^{XXVIII}. Os soviéticos já tinham mísseis apontados para eles instalados na Turquia, colocando os estadunidenses em vantagem estratégica. Assim, os mísseis em Cuba não seriam unicamente uma ferramenta de ataque e pressão, e sim uma forma encontrada pelos soviéticos de impedir a ofensiva dos EUA. Ou seja, seria mais uma maneira de defesa contra as pressões norte-americanas do que tornar Washington o alvo de suas pressões.

Isso demonstra que não havia inteligência concreta sobre a motivação soviética. Essa falha ocasionou, ainda conforme o autor, no fracasso de prever os possíveis termos para um acordo. A CIA acreditava que o foco era obter mais poder em relação a Berlim, mas não perceberam que a chave do acordo estava na Turquia e em Cuba, ou seja, a garantia de que os EUA retirariam os mísseis no território turco e não atacariam os cubanos.

Mesmo reconhecendo a intenção dos soviéticos de adquirir um maior poder de barganha, não foi levada em consideração a papel-chave de Cuba. Uma segunda grande motivação soviética era garantir a segurança do território cubano contra invasões norte-americanas^{XXIX}. A CIA acreditava que Moscou queria controlar Cuba, e não pensaram nos ganhos que cubanos e soviéticos obteriam com os mísseis instalados em São Cristóvão.

Basta lembrarmos que a inclinação cubana pró-soviética não tinha como interesse substituir EUA pela URSS como país hegemônico sobre sua soberania. A Revolução de 1959 não nasceu comunista e tinha como objetivo se manter fora do eixo Leste-Oeste como uma “terceira força” neutralista^{XXX}. Contudo, diante da guerra econômica dos EUA contra Cuba, que tinha seu mercado dependente principalmente da produção de açúcar e das importações norte-americanas, Castro encontrou na aliança com Moscou a maneira de manter seu governo.

Sendo assim, não podemos descartar o papel de Cuba neste processo. A CIA não analisou seus dados através da perspectiva dos soviéticos e dos cubanos, sua abordagem estava focada em seus interesses. Em outras palavras, houve uma falha em entender quais os interesses nacionais do inimigo que valeriam criar uma crise diplomática ou até mesmo um possível conflito como foi a Crise dos Mísseis. Para

Garthoff, se a inteligência norte-americana percebesse a intenção da URSS em prevenir um ataque a Cuba, garantindo que não invadiriam o território, talvez os mísseis não fossem transportados e instalados.

Claro que não podemos ignorar que décadas posteriores nós historiadores temos acesso a informações que no período os agentes da CIA não possuíam. Logo, conseguimos compreender por uma perspectiva mais abrangente que os atores do evento. Contudo, observamos que a maneira como a agência conseguiu interpretar a situação contribuiu para o desenrolar dos eventos. Talvez se descobrissem a localização das ogivas e o efetivo de soldados no território cubano as negociações fossem dificultadas, pois perceberiam que os mísseis não eram o único perigo.

O desenrolar da Crise foi resolvido através de um acordo entre o governo norte-americano e soviético. A União Soviética retirou os mísseis de Cuba, enquanto os Estados Unidos fizeram o mesmo na Itália, Turquia e Inglaterra. Resolvendo, assim, a desvantagem estratégica soviética. Apesar dos soviéticos manterem uma brigada no território cubano.

Considerações finais

O ano de 1962 foi um dos momentos de maiores tensões no contexto da Guerra Fria. Cuba tornou-se palco de disputa entre as duas grandes potências do período, EUA e URSS. Os norte-americanos, que já não estavam satisfeitos com a Revolução Cubana e sua inclinação pró-soviética, viu-se neste momento em uma situação de perigo com o transporte de mísseis soviéticos no território do seu vizinho. Armas essas que facilmente atingiriam o território estadunidense caso a URSS decidisse atacar.

Esse poder de decisão era, na visão do governo norte-americano, uma ameaça a sua segurança. Este perigo foi detectado pelo seu serviço de inteligência, a CIA, que conseguiu captar fotografias detalhadas do território cubano capaz de localizar os mísseis. Contudo, foi uma descoberta tardia com um espaço de 45 dias, possibilitando o transporte também de soldados e ogivas nucleares. Esse “*photo gap*” dificultou para os norte-americanos as negociações, pois ao invés de bloquear o envio dos mísseis os EUA precisaram impedir o ataque. Mas ainda assim foi o suficiente para barrar pressões maiores dos soviéticos ou até mesmo um conflito ou retaliações em outras regiões.

Além destas falhas iniciais na coleta de informações, outro erro detectado da CIA foi entender as motivações soviéticas para realizar tal manobra. A leitura feita pela agência foi de uma ação ofensiva por parte dos soviéticos para exercer força e pressão sobre os norte-americanos e assim angariar seus interesses nacionais através da ameaça à segurança dos EUA. Não descartamos essa possibilidade, mas a inteligência não percebeu outras perspectivas, como a ação defensiva da URSS que já tinha mísseis estadunidenses apontados para seu território, assim como a garantia de que Cuba não fosse invadida.

Portanto, concluímos que a interpretação da CIA estava baseada em uma visão realista de disputas através da força entre EUA e URSS. Contudo, ignoraram o papel de Cuba neste cenário, pois se a segurança de que este país não fosse invadido estivesse garantida talvez os soviéticos não tivessem instalado os mísseis no território

A INTELIGÊNCIA NORTE-AMERICANA E A CRISE DOS MÍSSEIS DE 1962

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

cubano. Além de não entenderem também a motivação defensiva de Moscou de equilibrar a balança de poder que estava a favor de Washington.

Notas

^I Doutoranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Email: raquel@getempo.org. Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard (UFS/DHI)

^{II} CADDELL, Joseph. Discovering Soviet Missiles in Cuba: How Intelligence Collection Relates to Analysis And Policy. In: **The War on Rocks**, 2017. Disponível em: <https://warontherocks.com/2017/10/discovering-soviet-missiles-in-cuba-intelligence-collection-and-its-relationship-with-analysis-and-policy/>. Acesso em: 14/03/2019 às 20:33h.

^{III} TRENEAR-HARVEY, Glenmore S. **Historical Dictionary of Intelligence Failures**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield, 2015, p.53.

^{IV} Ibidem, p. 54.

^V WEINER, Tim. **Legado de cinzas: uma história da CIA**. Trad Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 217.

^{VI} Ibidem, p. 221.

^{VII} Idem.

^{VIII} Ibidem, p. 225.

^{IX} Idem.

^X Ibidem, p. 226.

^{XI} Ibidem, p. 227.

^{XII} BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel. A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 234-5.

^{XIII} GARTHOFF, Raymond L. US intelligence in the Cuban missile crisis, **Intelligence and National Security**, 13:3, 1998, p. 24.

^{XIV} Criação do Muro de Berlim em 1961, separando A República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental).

^{XV} PONTES, Marcos Rosas Degaut . “O que é Segurança?” **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: Abin, n. 9, 2015, p. 12.

^{XVI} Idem.

^{XVII} HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

^{XVIII} HAFTENDORN, Helga “The security puzzle: theory-building and discipline-building International Relations”. **International Studies Quarterly**. v. 35, n. 1, 1990, p. 07.

^{XIX} WALT, Stephen M. “The Renaissance of Security Studies”. **International Studies Quarterly**, Vol. 35, No. 2, Jun., 1991, p. 212.

^{XX} Ibidem, p. 213

^{XXI} WALTZ, Kenneth N. **O homem, o estado e a guerra: uma análise teórica**. Trad.: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 198.

^{XXII} Ibidem, p. 222.

^{XXIII} Ibidem, p. 248.

^{XXIV} RUDZIT, Gunther; NOGAMI, Otto. Segurança e Defesa nacional: conceitos básicos para uma análise. In: **Revista Brasileira de Política internacional**. 53 (1): 5-24, 2010.

^{XXV} Ibidem, p. 13.

^{XXVI} WALT, Stephen M. The Renaissance of Security Studies. In: **International Studies Quarterly**, Vol. 35, No. 2 (Jun., 1991), p. 217.

^{XXVII} Ibidem, p. 218.

^{XXVIII} GARTHOFF, Raymond L. US intelligence in the Cuban missile crisis, **Intelligence and National Security**, 13:3, 1998, p. 26.

^{XXIX} Ibidem, p. 36.

^{XXX} BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel. A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.161.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel. A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CADDELL, Joseph. Discovering Soviet Missiles in Cuba: How Intelligence Collection Relates to Analysis And Policy. In: **The War on Rocks**, 2017. Disponível em: <https://warontherocks.com/2017/10/discovering-soviet-missiles-in-cuba-intelligence-collection-and-its-relationship-with-analysis-and-policy/> . Acesso em: 14/03/2019 às 20:33h.

GARTHOFF, Raymond L. US intelligence in the Cuban missile crisis, **Intelligence and National Security**, 13:3, 1998.

HAFTENDORN, Helga “The security puzzle: theory-building and discipline-building International Relations”. **International Studies Quarterly**. v. 35, n. 1, 1990.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

PONTES, Marcos Rosas Degaut . “O que é Segurança?” **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: Abin, n. 9, 2015.

RUDZIT, Gunther; NOGAMI, Otto. Segurança e Defesa nacional: conceitos básicos para uma análise. In: **Revista Brasileira de Política internacional**. 53 (1): 5-24, 2010.

TRENEAR-HARVEY, Glenmore S. **Historical Dictionary of Intelligence Failures**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield, 2015.

WALT, Stephen M. “The Renaissance of Security Studies”. **International Studies Quarterly**, Vol. 35, No. 2, Jun., 1991.

WALTZ, Kenneth N. **O homem, o estado e a guerra: uma análise teórica**. Trad.: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEINER, Tim. **Legado de cinzas: uma história da CIA**. Trad Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2008.